



*Artigo*  
*Article*

**O CAPOEIRISTA PRETO NO CONTEXTO URBANO  
TERESINENSE: NOTAS ETNOGRÁFICAS E REFLEXÕES  
ANTROPOLÓGICAS**

*THE BLACK CAPOEIRISTA IN THE URBAN CONTEXT OF TERESINA:  
ETHNOGRAPHIC NOTES AND ANTHROPOLOGICAL REFLECTIONS*

Edilson Pereira do Nascimento<sup>1</sup>  
Carmen Lúcia Silva Lima<sup>2</sup>  
Raoni Borges Barbosa<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo discutiu a constituição identitária do capoeirista preto no contexto urbano atual da cidade de Teresina – PI. Para tanto, primeiramente problematizou as noções de *self* e de *identidade étnico-racial*, vinculando-as ao exercício da capoeira como movimento de formação moral-emotiva da pessoa nos códigos e tradições da negritude brasileira. Em um segundo momento, a discussão girou em torno do contexto atual do urbano teresinense para nesse lugar pensar o capoeirista preto como personagem e sujeito em interação ecológica e simbólico-interacional com a cidade. Ato contínuo, o artigo percorreu sobre a trajetória de formação da pessoa de dois capoeiristas pretos em exercício dessa poética e política identitária étnico-racial. Recorte de uma pesquisa antropológica ainda em curso, estas breves notas etnográficas e reflexões antropológicas lograram relacionar aspectos complexos do self urbano, - marcado por memórias, questões político-identitárias e religiosas, - de pessoas pretas praticantes da Capoeira Angola, da Capoeira Regional e da *Capoeiragem* no atual contexto urbano de Teresina-PI. **Palavras-chave:** capoeirista preto, contexto urbano teresinense, self, identidade étnico-racial, negritude brasileira.

<sup>1</sup> Bacharel em Comunicação Social. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAnt da Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-Mail: nascimentoedilson@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia. Professora adjunta da Universidade Federal do Piauí. E-Mail: carmensllucia@gmail.com. Orcid: 0000-0002-2427-7069.

<sup>3</sup> Doutor em Antropologia. Pesquisador bolsista Desenvolvimento Científico Regional - CNPq pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí – FAPEPI. E-Mail: raoniborgesbarbosa@gmail.com. Orcid: 0000-0002-2437-3149.

**ABSTRACT:** This article discussed the identity constitution of the black capoeirista in the current urban context of the city of Teresina – PI. To this end, it first problematized the notions of self and ethnic-racial identity, linking them to the exercise of capoeira as a movement of moral-emotional formation of the person in the codes and traditions of Brazilian blackness. In a second moment, the discussion revolved around the current context of the urban in Teresina in order to think the black capoeirista in this place as a character and subject in ecological and symbolic interaction with the city. Continuously, the article discussed the trajectory of formation of the person of two black capoeiristas in exercise of these poetics and politics of ethnic-racial identity. Part of an anthropological research still in progress, these brief ethnographic notes and anthropological reflections managed to relate complex aspects of the urban self, - marked by memories, political-identity and religious issues, - of black people practicing Capoeira Angola, Capoeira Regional and Capoeiragem in the current urban context of Teresina-PI. **Keywords:** black capoeirista, urban context of Teresina, self, ethnic-racial identity, brazilian blackness.

## INTRODUÇÃO

Este artigo parte de memórias e inquietações pessoais de Edilson Pereira do Nascimento ao longo de toda uma trajetória de vida como pessoa preta que descobre a capoeira na Universidade. Esta descoberta se dá em um movimento de reorganização interna de sua subjetividade como pesquisador preto que, nos cursos de Graduação, vislumbrou uma possibilidade de inserção social da questão étnico-racial em torno da temática afro-brasileira. Ainda no curso de Pedagogia, em contato com um docente africano residente em Teresina-PI, o Prof. Francis Mussa Boakari<sup>4</sup>, desenvolveu a pesquisa ‘A escola e a questão do negro: a procura de uma pedagogia voltada para a negritude’<sup>5</sup>. À época também participou da fundação do Núcleo de Pesquisadores Negros da Universidade Federal do Piauí – IFARADA<sup>6</sup>. Posteriormente, já discente do

---

<sup>4</sup> O Prof. Francis Mussa Boakari é graduado em Ciências Sociais (Sociologia) pela University of Iowa (1979), graduação em Estudos Religiosos – University of Ibadan (1975), mestrado em Psicologia da Educação – University of Iowa (1983) e doutorado em Sociologia da Educação para a Diversidade, de 1987 até 2004. Tem concentrado os seus serviços comunitários e outros recursos à reconstrução de sua terra natal, Serra Leoa, depois da Guerra dos Diamantes, 1991-2001. Desde 2010, com orientandos e colegas pesquisadores tem colaborado na organização do Grupo de Estudos RODA GRIÔ – Gênero, Educação e Afrodescendência (GEAfro) na UFPI.

<sup>5</sup> A pesquisa tratou de mecanismos de resistência a discussão da questão do negro na escola. Tomou-se como referência a Unidade Escolar João Lula em Timon-MA. O estudo foi realizado a partir de dados coletados junto a estudantes e professores. Buscou-se detectar entre os alunos o nível de identidade racial, desenvolvido a partir dos conteúdos ministrados na sala-de-aula. Constatou-se uma frágil identidade que traduz na não aceitação das pessoas pretas, no baixo poder de discussão da questão e especialmente por se colocarem como inferiores intelectualmente aos brancos. Com relação aos professores, percebeu-se que a forma de “ensinar” está intimamente relacionada, ainda, com o que aprendido durante a formação: o negro na condição inferior e com reduzida participação na formação da sociedade brasileira. Fato que reproduz e ajuda a perpetuar as visões preconceituosas e racistas sobre as pessoas pretas. Esta visão e prática pedagógica determinam as relações entre professores - alunos e alunos-alunos.

<sup>6</sup> O Núcleo de Pesquisadores Negros da Universidade Federal do Piauí – O IFARADÁ (em lorubá, língua africana, significa resistência pelo conhecimento), Núcleo de Pesquisa sobre Africanidades e Afrodescendência da Universidade Federal do Piauí (UFPI), foi criado por um grupo de professores negros e alunos (a) negros da UFPI em 1993, primeiro com o nome de grupo MIMBÓ, em homenagem a uma comunidade negra rural, localizada no município de Amarante, Piauí. Em 20 de Novembro de 1995 foi aprovado por resolução do conselho universitário da UFPI. As Africanidades surgem como questões

bacharelado em Comunicação Social, desenvolveu a pesquisa ‘TV por Preto e Branco: o afrodescendente como repórter e apresentador de Televisão em Teresina-PI’<sup>7</sup>. Tal experiência de formação e pesquisa o fez buscar elementos simbólicos de afirmação da identidade étnico-racial da pessoa preta. Encontrou, então, a capoeira! Que passou a fazer parte de sua minha trajetória moral-emotiva de constituição como pessoa, como memória, como sujeito no urbano, como cidadão brasileiro, e que, concomitantemente, buscava na tradição e na ancestralidade negra repertórios históricos, políticos, ideológicos, entre outros, para a sua militância no âmbito da Educação em Teresina-PI. Os pesquisadores Carmen Lúcia Silva Lima e Raoni Borges Barbosa, ambos antropólogos dedicados ao estudo das relações étnico-raciais no urbano contemporâneo brasileiro em diferentes enquadramentos teórico-metodológicos, somaram-se ao esforço de problematizar, neste artigo, a personagem *capoeirista preto* nos lugares, memórias, projetos morais-emotivos, imaginários e lutas por reconhecimento no urbano teresinense.

Este artigo discutiu, com base nas memórias e inquietações e em trabalho de campo realizado por Edilson Pereira do Nascimento e de pesquisa bibliográfica, a constituição identitária do capoeirista preto no contexto urbano atual da cidade de Teresina – PI. Para tanto, primeiramente problematizou as noções de self e de identidade étnico-racial, vinculando-as ao exercício da capoeira como movimento de formação moral-emotiva da pessoa nos códigos e tradições da negritude brasileira (Gonzalez, 2022). Em um segundo momento, a discussão girou em torno de teorias antropológicas sobre o urbano em sociedades complexas, de modo a enquadrar uma abordagem analítica do contexto atual do urbano teresinense e nesse lugar pensar o capoeirista preto como personagem e sujeito em interação ecológica e simbólica com a cidade. Ato contínuo, o artigo discorreu sobre a trajetória de formação da pessoa de dois capoeiristas pretos em exercício dessa poética e política identitária étnico-racial. Uma dessas pessoas é o contramestre Boquinha, capoeirista preto em exercício na Associação Cultural Raízes do Brasil e de vínculo profundo com a questão étnico-racial e urbana em termos de disputa sociopolítica e de luta pela afirmação cultural do capoeirista preto; sendo a outra pessoa o próprio etnógrafo Edilson Pereira do Nascimento enquanto trajetória moral-emotiva nessa militância e atualmente em exercício no grupo Zimba da UFPI.

Recorte de uma pesquisa antropológica em nível de mestrado ainda em curso<sup>8</sup>, - intitulada ‘A relação da capoeira com a negritude através de trajetórias de vida de

---

relacionadas aos afrodescendentes no âmbito de nossa sociedade. É considerada a afrodescendência como os costumes africanos trazidos por nossos ancestrais que hoje estão imbuídos em nossa cultura. Em conjunto, Africanidades e Afrodescendência, focalizam uma preocupação para melhor entender a nossa procedência histórico – cultural de base africana.

<sup>7</sup>A pesquisa tratou da inserção limitada de pessoas pretas nas funções de repórteres e apresentadores de televisão em Teresina, PI, bem como dos fatores que interferem na nossa pouca contratação. Depois refletiu sobre aquilo que envolve a vida desses profissionais nestas funções consideradas de destaque na nossa sociedade. Verifiquei que essas pessoas enfrentam muitas dificuldades para conseguir uma vaga neste mercado de trabalho, e, depois, de a duras penas conseguir o emprego, passam a enfrentar uma batalha para se manter nestes postos, por conta do racismo, que se revela de várias formas, na maioria das vezes disfarçado, camuflado, por conta de uma legislação existente, que muitas vezes não é cumprida. Ou seja, ainda necessitamos do aumento desta abertura, como também de mecanismos de diálogos e aceitação de nossas condições étnico-raciais.

<sup>8</sup>Pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí, sob orientação do Prof. Dr. Celso de Brito.

capoeirista afro-piauienses', - estas breves notas etnográficas e reflexões antropológicas lograram relacionar aspectos complexos do self urbano, - marcado por memórias, questões político-identitárias e religiosas, - de pessoas pretas praticantes da Capoeira Angola, da Capoeira Regional e da *Capoeiragem* no atual contexto urbano de Teresina-PI.

## **O CAPOEIRISTA PRETO EM TERESINA – PI: ELABORAÇÃO DO SELF E PRODUÇÃO DA CIDADE NEGRA**

### ***Negro africano e diaspórico: o capoeirista preto no Brasil***

Neste artigo, Edilson Pereira do Nascimento joga com o Contramestre Boquinha, acionando a condição de descendente de africanos pretos da diáspora. Reconhecidos aqui no Brasil como negros, percebem a necessidade de desenvolvimento de formas de proteção contra a violência e repressão ainda em vigor na nossa sociedade. A Capoeira se configura nesta existência de enfrentamento de opressão social. Desde o tempo em que eram alvos de práticas violentas e castigos nas Senzalas das Grandes Fazendas, através dos donos destas, a opressão marca a trajetória dessas pessoas. Quando fugiam das fazendas, eram perseguidos pelos capitães-do-mato, homens fisicamente fortes e habilidosos – relatos indicam que esses eram capoeiristas cooptados como força-de-trabalho remunerada pelos fazendeiros escravocratas. Considerados rebeldes e contraventores, as pessoas pretas tinham que criar mecanismos de existência diante das perseguições e imposições de valores.

Dessa forma, essa memória de enfrentamento da opressão visualiza uma Capoeira a partir de seu próprio corpo e no enfrentamento e na convivência com diferentes opiniões. Com isso, passam a se constituir cultural, simbólica e ritualmente como pessoas. Entretanto, parece público e notório que, de modo geral, a herança cultural africana das pessoas pretas sofre uma série de restrições, a ponto de, nas negociações e interações com as outras ideias e opiniões, serem peneiradas até perderem os vínculos afros. Isso acontece na religião, na arte e na cultura tomada de modo amplo. Em relação a essa questão, destacamos uma inquietação do autor Frantz Fanon (2008), que verifica que, na medida em que o colonizado, visto aqui na pessoa dos pretos escravizados, assimila os valores culturais da metrópole, ele supostamente estará escapando do que o colonizador (o branco) chamou de “selva”.

Incluimos neste raciocínio o modelo de abstração de Alejandro Frigerio (1989) em uma análise realizada na Bahia, São Paulo, Belo Horizonte, Los Angeles, São Francisco, Nova Iorque e Buenos Aires, no texto intitulado "Capoeira: arte negra a esporte branco". Ali, o autor visualiza a Capoeira, chamada hoje de "o esporte brasileiro", ou "a arte marcial brasileira", que se revela como uma rica expressão artística, que mistura a luta e a dança, constituindo-se como parte do patrimônio cultural afro-brasileiro. O estudo de Alejandro Frigerio compara o desenvolvimento da Umbanda com o da Capoeira Regional na procura de relações. E, segundo ele, em ambos os casos havia uma manifestação cultural de origem africana, praticada majoritariamente por setores sociais mais baixos, nos quais predominava a gente de cor. Consequentemente, estas práticas eram estigmatizadas e perseguidas em virtude de sua origem étnica e social.

Frigerio associa o Candomblé e a Umbanda (religiões consideradas de matrizes africanas e indígenas) com o estilo de Capoeira Angola e Capoeira Regional. Para imaginar que as alterações de características envolveriam um afastamento da tradição

negra em ambas as práticas. Ou seja, em uma regra de três diretamente proporcional, teríamos como resultado uma Umbanda e uma Capoeira Regional mais distante da tradição afro-preta. Por este motivo, segundo esta pesquisa, ele observa que, em meados da década de 1920, um grupo de “kardecistas insatisfeitos” toma elementos dos centros afro-brasileiros e cria a Umbanda. Depois, já na década de 1930, Mestre Bimba, cria a Capoeira Regional, a partir da versão tradicional. E, ao enfatizar a luta em detrimento de outros elementos culturais, Mestre Bimba faz com que sua academia passe a ser frequentada, na maioria, por brancos da classe média.

Sem entrar de modo mais aprofundado nesta questão, a intenção da reflexão em curso é imaginar a situação das pessoas capoeiristas pretas em Teresina - Piauí, que apresenta uma predominância do estilo regional, ou, como o próprio Contramestre Boquinha identifica, o estilo de capoeiragem. Cabe lembrar que existe um movimento de modernização da Capoeira que cria o terceiro estilo denominado de “Contemporânea”. Na etnografia conduzida pelo pesquisador e capoeirista Edilson Pereira do Nascimento, registra-se que os capoeiristas teresinenses rejeitam este terceiro estilo, mesmo jogando Capoeira Angola e Capoeira Regional. Mas o objetivo aqui é refletir sobre a realidade da pessoa preta que no Brasil sofre discriminação racial independente de qualquer posição social, política, muito menos de denominação religiosa e cultural. Ressalta-se, aqui, acima de tudo, que na Capoeira de Teresina existe militância negra, conformadora das noções de *self* (Barbosa, 2019) e de *identidade étnico-racial* da pessoa preta e afro-diaspórica que exercita na capoeira um movimento de formação moral-emotiva da pessoa nos códigos e tradições da negritude brasileira<sup>9</sup>. Códigos e tradições estes que abarcam da capoeira ao samba, da memória de quilombos à ideologia do quilombismo e do pan-africanismo que compõem o movimento político-social da Negritude.

Nesse sentido, a pretensão desta reflexão é a busca de um posicionamento diante da conjuntura complexa e controversa que abarca o lugar do capoeirista preto no urbano teresinense. Tendo como certo o racismo (Schwarcz, 2019) que ainda vigora como prática, ideologia, instituição e estrutura social em relação às pessoas negras em uma sociedade que respira o ar de uma suposta democracia racial (DaMatta, 1997) e que

---

<sup>9</sup> A categoria de *self* remete a uma perspectiva teórico-metodológica que compreende os indivíduos como atores e agentes sociais reflexivos e dotados de agência, ou seja, como *selves*, cuja capacidade de autorreflexão e autoconsciência permite que se auto percebam como objeto mesmo de suas próprias movimentações pragmáticas e práticas. O *self*, isto é, o ator e agente social que age tanto em direção a si mesmo como em direção a outros, compreende a complexidade da individualidade como imagem e memória, mas também como jogador social. Isto implica, por um lado, que o social se apresenta como campo de possibilidades e de negociações de projetos individuais e coletivos (Velho, 1986 e 2013), sempre indeterminado e aberto às modificações oriundas de novas práticas sociais; e, por outro lado, que a dimensão da cultura pode ser compreendida como teias de sentidos e repertórios simbólicos sempre instáveis e polissêmicos. As unidades actanciais do jogo social não são meros corpos-adestrados que se reconhecem e que se experimentam enquanto diferença, mas são subjetividades em interação vivida como constante negociação e como exercício de trocas materiais e simbólicas, como diferença empírica entre a *vivência emocional* e a *expressão emocional*, em cuja tensão a força criativa da agência emerge enquanto aptidão para modificar o mundo no qual a individualidade vive e os códigos que a demarcam. Nessa linha de entendimento, a *identidade étnico-racial* compreende o momento atual de representação que uma coletividade elabora de si nas constantes negociações e trocas com o mundo relacional mais amplo, compondo gramáticas de sentido e linguagens de enfrentamento, de demarcação e de imposição de condutas no jogo social. A formação do *self*, em contínuo processo de tensão intersubjetiva, diz da estruturação moral-emotiva da pessoa, do ator e agente social, inscrita nas e produtora das teias de sentido de seu mundo social.

amortece os nossos dilemas e em alguns casos nos coloca uns contra os outros. Tratando-se de algo muito delicado, neste estudo afirmamos que, na Capoeira praticada em Teresina, independentemente de estilo, detectamos a agência de capoeiristas pretos na luta política e social, constituída e em interação com diferentes e diversas correntes e segmentos humanos e sociais.

Então, com isso, é possível imaginar a capoeira como movimento de militância negra por ser uma manifestação que apresenta na sua origem uma ligação com a resistência das pessoas pretas aqui no Brasil. Apesar da evidência que demonstra que na medida em que vai sendo incorporada enquanto atividade social a Capoeira começa a perder a sua representação original, muito da sua essência considerada marginal vai sendo mudada, dando a entender que a subtração dos aspectos afros seja uma maneira de adequação às exigências de sociabilidades pequeno-burguesas das classes médias urbanas psicologizadas e individualistas (Velho, 1986 e 2013), cujo horizonte moral-emotivo é o do lazer e prazer consumista nos tempos livres significados como recursos de investimento no eu narcísico (Barbosa, 2019).

Nesse processo de captura da Capoeira como mera prática corporal hedonista e recreativa, muitas coisas são silenciadas por terem vínculos com a ancestralidade africana e com sua respectiva filosofia de corpo e alma acolhidos na coletividade e no sentimento de pertença a uma cultura moral-emotiva (Barbosa, 2019) específica, cuja marca de alacridade (Sodré, 2017) destaca a *africanidade*<sup>10</sup> como elemento de união simbólica das diversas etnias e línguas dos grupos negroides ao sul do Saara (Munanga, 2009), chegando ao Brasil e se amefricanizando (Gonzalez e Hasenbalg, 2022; Gonzalez, 2018), sem, contudo, perder o *rosto negro africano*<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Munanga (2009, p. 33) destaca a africanidade como cultura que valoriza a intensa participação na vida global do mundo, o que implica em ter-se sempre imerso na força vital da coletividade, expressão humana da cosmologia e do sagrado: “Intuição global de vida concreta africana, análise das obras, das instituições, das ideias, visões do mundo, reivindicação da negritude, ação política do pan-africanismo convergem para o mesmo fato: a África ao sul do Saara é culturalmente uma. Essa comunidade cultural é a africanidade, ou seja, a configuração própria à África de diversos traços que podemos encontrar separadamente alhures. [...] A africanidade é esse rosto cultural único que a África oferece ao mundo. A questão da africanidade nas diásporas está relacionada à questão das resistências culturais, que por sua vez desembocaram em identidades culturais de resistência em todos os países do mundo, beneficiados pelo tráfico negreiro. O Brasil é um deles, ou melhor, é o maior dos países beneficiados pelo tráfico transatlântico e aquele que oferece diversas experiências da africanidade em todas as suas regiões, do norte ao sul, do leste ao oeste”.

<sup>11</sup> Munanga (2009, p. 33), em diálogo com Cheikh Anta Diop, assim destaca os elementos culturais que destacam o *rosto negro* enquanto unidade cultural africana meridional: “Por sua vez, Cheikh Anta Diop, em sua *L’Unité culturelle de l’Afrique noire*, tenta demonstrar a profunda unidade cultural africana, apesar das aparências enganosas da heterogeneidade. A partir de uma análise comparativa da estrutura da família africana e da família nórdica, passando pelas noções de estado, realeza, moral, filosofia, religião, arte, notadamente a literatura e a estética, ele chega às seguintes conclusões, que confirmam o significado de africanidade: O berço meridional confinado ao continente africano é caracterizado pela família matriarcal, a criação do Estado territorial em oposição à cidade-estado nórdica, a emancipação da mulher na vida doméstica, a xenofilia, o cosmopolitismo, uma espécie de coletivismo social, tendo como corolário a quietude, até a despreocupação com o dia seguinte; a solidariedade material de direito para cada indivíduo, que faz com que a miséria material ou moral não seja comum até hoje; existem pessoas pobres, mas ninguém se sente só; ninguém se sente angustiado. No domínio da moral, existe um ideal de paz, de justiça, de bondade, um otimismo que elimina toda noção de culpabilidade ou de pecado original nas criações religiosas e metafóricas. O gênero literário de predileção é o romance, o conto, a fábula e a comédia”.

Na conta de uma Capoeira mais integrada ao cotidiano do urbano das classes médias, como no caso teresinense, com efeito, nem sempre é possível a preservação dos anseios da Negritude, aqui entendidos como as demandas culturais afrocentradas de reconhecimento e a partir das quais a interculturalidade é jogada na jinga da capoeira. Junto a isso, percebe-se uma dificuldade na autoidentificação étnica enquanto *negro* e *afro brasileiro* na capital piauiense, que de certa forma entrava o mapeamento dessa representação e interpretação de modo mais real em quantidade expressiva, isso porque muitos teresinenses não se afirmam *negros* ou até criam outras categorias para se enquadrarem em relação à sua condição étnico-racial.

À primeira vista, percebe-se que a própria designação “negro(a)” surge como uma maneira subliminar e envergonhada de tachar e diminuir o nosso povo, subtraindo quase que todas as nossas aspirações de superação e de liberdade. Portanto, sigamos neste jogo movimentando a Negritude, a projeção política do rosto negro africano mesmo que em situação de diáspora, que é uma espécie de contraponto em toda essa discussão. Um dos aspectos que ressaltamos é a sua proposta de reversão dessa ideia pejorativa da terminologia *Negro*. Pois bem, isso posto, cabe aqui enfatizar a afinidade do pesquisador e etnógrafo Edilson Pereira do Nascimento com a capoeira, bem como, com todas as outras manifestações ligadas à ancestralidade africana e à resistência produzida no contexto de amefricanização da cultura negra africana, pois que esse vínculo surge justamente na percepção de que a ancestralidade apresenta um forte elo com a luta e com a resistência de nosso povo negro aqui no Brasil. Atitude que encontra eco na imaginação do interlocutor central (o Contramestre Boquinha) nesta empreitada autoetnográfica de análise da constituição do self com capoeirista preto aqui na capital piauiense, a cidade de Teresina.

Trazemos para esse jogo as ideias de Erving Goffman (2012), que compreende o social como uma ordem moral sempre em processo tenso e conflitual de negociação e de abertura para novas possibilidades simbólicas-interacionais. O autor enfatiza o jogo comunicacional horizontalizado face a face entre atores e agentes sociais como a matriz situacional em que se expressa o mais vívido colorido da cultura moral-emotiva de uma sociabilidade histórica, sem, contudo, negar a importância de outras dimensões estruturais que compõem o mundo social mais amplo das personalidades, instituições e sistemas de sentido. A noção de self, de interação simbólica, de situação, de civilidades e etiquetas, de reputação e de fachada individual e coletiva construídas processualmente no intercâmbio material e simbólico real, nesse sentido, remete a um entendimento da Sociedade e da Cultura em constante rearranjo tanto pelos atores que performam e desempenham papéis sociais traditados quanto pelos agentes sociais com suas atitudes e predisposições para novos comportamento. De acordo com esse entendimento, podemos afirmar que os capoeiristas pretos Contramestre Boquinha e Edilson Pereira do Nascimento – na medida em que interagem no urbano teresinense, interconectando em coletivos mais amplos a Capoeira com a Negritude em atividades situadas e concretas – constroem os lugares mesmos da cidade negra teresinense (Sodré, 1988), em que o pensar, o sentir e o fazer convergem para a organização deste self que aqui classificamos como capoeirista preto.

### ***A cidade preta no urbano teresinense***

A cidade de Teresina<sup>12</sup> é a única capital nordestina que não está localizada na faixa litorânea. Distante do litoral, recebeu a alcunha de "Mesopotâmia brasileira" por ser banhada pelos rios Poti e Parnaíba, que se encontram ainda dentro da cidade para então rumarem, juntos, em direção ao mar. Outro fato interessante é que Teresina mantém laços de vizinhança com a cidade maranhense de Timon, que para muitos é considerada, na prática, um bairro teresinense. O pesquisador e capoeirista preto Edilson Pereira do Nascimento, por exemplo, tem naturalidade piauiense e parentesco vinculado a Buriti dos Lopes, mas *se criou* no Maranhão, na cidade de Timon, vivendo também este dilema de estar situado em duas metades que convergem em muitos aspectos: somente estudou em uma escola na cidade timonense, mas toda a sua formação aconteceu em escolas teresinenses, até chegar a UFPI e conhecer o Ìfaradá. A Capoeira lhe chega nas interações estabelecidas em Teresina. Já o Contramestre Boquinha, Leônidas Ferreira da Silva Santana, tem origem no município de Amarante, em um povoado que se origina de uma fazenda chamada de Bonito, da mesma região do Quilombo Mimbó.

A trajetória de formação moral-emotiva como pessoa desses dois capoeiristas pretos é enormemente referenciada nos modos de interação ecológica e simbólica com a cidade de Teresina, hierarquicamente organizada em áreas de moradia, comércio e atividade industrial, mas, sobretudo em nichos de renda e de clivagens étnico-raciais. Nesse sentido, cabe destacar as territorialidades desse urbano fortemente marcado por estratégias de separação geográfica, de contenção moral e de invisibilização histórica e simbólica de sua população preta. A cidade preta teresinense, contudo, está ali expressa em suas redes de terreiros e centros religiosos afro brasileiros, de bairros populares de maioria negra, de monumentalidades que remetem às memórias e histórias das resistências negras e dos pretos e, deveras importante para a argumentação deste artigo, dos grupos que praticam e desenvolvem a Capoeira e a Capoeiragem, tecendo uma trama poética e política da identidade étnico-racial negra, preta e afro-diaspórica.

---

<sup>12</sup> O povoamento de Teresina teve início no século XVII, com Domingos Jorge Velho e um grupo de bandeirantes que estabeleceram uma feitoria e um criatório de gado. Tornou-se capital do Piauí no dia 16 de agosto de 1852, sucedendo Oeiras, a primeira capital. A segunda capital piauiense foi escolhida porque estava próxima aos territórios de navegabilidade dos rios e ao então comércio de Caxias, no Maranhão, considerado o principal da época.



**Figura 01:** Imagem da Praça dos Orixás com recorte de comentário do Jornal Meionorte, do dia 03.08.2019.

Segundo levantamento realizado pelo aplicativo “Eu Tenho Fé”, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Teresina, para combater a intolerância religiosa, são mais de 800 terreiros na capital. Tendo em vista que são 800 mil habitantes no município, existe praticamente um terreiro para cada mil habitantes. Ao mesmo tempo, o Piauí aparece como um dos estados mais intolerantes do Brasil, mesmo com tantos centros para a prática do candomblé e da umbanda.



Praça dos Orixás: valorização das religiões de matrizes africanas | Crédito: Raíssa Morais

Fonte: Teresina tem mais de 800 terreiros (meionorte.com).

### Contramestre Boquinha

Iniciamos assim nossa caminhada etnográfica revisitando as nossas memórias com a história do Contramestre Boquinha, Leônidas Ferreira da Silva Santana, que relata sua vida de militância e resiliência desde a sua gestação:

Nasci no dia 03 de junho de 1970 em plena ditadura militar no Brasil, minha mãe conta que no dia do parto enquanto sentia as contrações e dores foi para o hospital, mas não tinha médico para fazer o parto na cidade de Amarante-PI, decidiram que ela deviria ir para cidade com mais recurso, no caso seria a cidade de Floriano-PI. Mamãe estava acompanhada de uma enfermeira e como não tinha ambulância a viagem deveria ser feita em ônibus. A viagem não foi tranquila no meio do caminho ela começou a sentir que daria à luz antes de chegar no hospital de Floriano-PI, a enfermeira pede para o motorista parar e tira todos os passageiros do ônibus. Foi dessa forma que nasci dentro de um ônibus. Devido as secas, falta de trabalho e de educação para as crianças meus pais migram do interior para a capital. Já minha infância foi toda em Teresina-PI, cheia de dificuldades morando na periferia no 1º bairro operário de Teresina, o bairro Parque-Piauí, na época com pouca estrutura, ruas de chão batido, esgoto a céu aberto e falta de água frequente. Foi uma infância pobre, mas alegre e cheia de amizades nas ruas do bairro. Já na adolescência conheci a capoeira através do meu irmão caçula (Baú), ele tinha começado a treinar no CSU do Parque-Piauí, em uma brincadeira ele me deu uma rasteira que cai de bunda no chão, foi aí que decidi entrar para a capoeira. Na escola tive problemas

por ser muito conversador e não para quieto, fique reprovado 3 anos consecutivos na 3ª série, só adulto que descobri que tinha dislexia, só fui aprender a ler com 9 anos. Sou programador de computador e formado em Redes de Computadores pela UESPI. Comecei a trabalhar muito cedo para ajudar a família, aos 9 anos meu pai comerciante resolveu que era hora de ajudar no comércio que ele tinha, mas não ganhava nada de dinheiro.

Então, a Capoeira para o Contramestre Boquinha surge como uma brincadeira, quando o seu irmão caçula, Leonardo Ferreira Santana (Contramestre Baú), lhe aplica uma rasteira, movimento usado pelo capoeirista para a derrubada do outro arrastando, deslocando uma de suas pernas de apoio ao chão; trata-se um golpe desconcertante, bem conhecido no mundo da Capoeira. Mas, o que chama a atenção aqui é a relação entre o Boquinha, o Baú e o Mestre Touro, que é dos interlocutores na pesquisa mais ampla sobre o mundo social da Capoeira em Teresina. Todos esses personagens são negros afirmados, que constroem as suas trajetórias morais-emotivas através da luta com a Capoeira. Nesse caso é possível perceber uma espécie de irmandade, pois George Fredson Rocha Serra, o Mestre Touro, além de uma referência para os irmãos quilombolas (Boquinha e Baú), passa a se constituir enquanto pessoal, self, junto com eles. Touro e Baú ainda hoje são respeitados no mundo da Capoeira pela forma como se apresentavam nas rodas de jogo, desafiando a todos os valores morais e estéticos. Já o Contramestre Baú, com a sua forma mandingueira, daquele que se apresenta de modo mais diplomático e sorridente, nunca deixou de se expressar enquanto militante negro. Dessa forma esses capoeiristas pretos foram se constituindo em meio da sociedade teresinense.

O Contramestre Boquinha conta que a Capoeira foi fundamental na construção de sua identidade como pessoa preta, que, segundo ele é invisibilizada pela mídia e sociedade. A prática da Capoeira e sua rede relacional envolvente permitiu a construção de um pensamento crítico e questionador através do resgate da história não contada oficialmente nas escolas. Isso mudou a forma de ver e de lidar com o mundo real, que não contempla a vida concreta das minorias. Permitiu também conhecer melhor geográfica e antropologicamente a cidade de Teresina e suas facetas da periferia, bem como as áreas ditas como nobres. Como enfatizou o Contramestre Boquinha: “Piauí é um estado que é composto em sua maioria por pessoas pretas e pardas, mas infelizmente poucas pessoas se reconhecem e se posicionam como pessoas pretas de fato. Isso reflete diretamente nos espaços públicos”.

Sobre os grupos e as formas de organização dos capoeiristas pretos, ele prefere falar dos mais antigos e relevantes na zona sul de Teresina, local em que é estabelecido. Ali destaca o seu Mestre Tucano e o Mestre Cícero. No centro da capital, lembra do Mestre Jhon Grandão. Na zona norte, fala do Mestre Bobby, do Mestre Jabiraca e dos Mestres Kizinho e Lelê. Segundo o Contramestre Boquinha: “Esses foram as pessoas que vieram na memória e que compõe de alguma forma o cenário capoeirístico teresinense para minha pessoa”.

Em relação à luta das pessoas pretas e do movimento negro na capital piauiense, Boquinha percebe contente que existem lideranças engajadas através da Capoeira para o fortalecimento do povo preto. Porém, não cita nenhum nome. Em contrapartida, fala que a Capoeira lhe permitiu expandir seus horizontes geográficos e humanos, ao conhecer o Brasil e as suas culturas diversas. Sobre os espaços teresinenses, lembra do *Memorial*

*Esperança Garcia*<sup>13</sup>, antigo *Memorial Zumbi dos Palmares*, como local de fortalecimento e preservação da nossa cultura afro-diaspórica e de amefricanização. Ressalta que a Capoeira foi a base de construção de sua identidade étnico-racial como pessoa preta. Quanto aos estilos de Capoeira, o Contramestre Boquinha se posiciona como *plural*. Segundo ele, quanto mais diversificado o cenário da prática da Capoeira, tanto melhor. Afirma: "Tenho a opinião que não tem estilo que represente a *pretitude*, mas as pessoas que estão à frente de cada trabalho com a Capoeira". Acredita, nesse sentido, que é possível se encontrar pessoas pretas em todo e qualquer manifestação ligada à Capoeira.

**Figura 02:** Imagem do *Memorial Esperança Garcia*.



Fonte: Após reforma, Memorial Esperança Garcia será reaberto - Cidadeverde.com.

<sup>13</sup> De acordo com ligeira pesquisa na internet: “Esperança Garcia, mulher negra e escravizada, escreveu ao governador do estado do Piauí em 1770, denunciando os maus-tratos que tanto ela quanto suas companheiras e seus filhos sofriam. Também reclamava do fato de ter sido separada de seu marido e do impedimento de batizar as crianças. Devido a essa carta, Esperança recebeu o título simbólico pela OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) do Piauí de primeira advogada do estado. A carta de Esperança foi encontrada em 1979, no Arquivo Público do Piauí, pelo historiador Luiz Mott. A descoberta de sua reivindicação fez dela símbolo da luta por direitos e da resistência negra. Em sua homenagem, o dia 6 de setembro, data da carta, foi instituído como Dia Estadual da Consciência Negra no Piauí”. Retirado de: Quem foi Esperança Garcia, negra escravizada reconhecida como 1ª advogada do Piauí (geledes.org.br).

Edilson

O etnógrafo Edilson reflete o que é ser um capoeirista preto no urbano teresinense como algo muito delicado. Considera a Negritude como a capacidade de reivindicar uma participação efetiva dos afrodescendentes (pessoas pretas) na política e na sociedade, nos espaços públicos, que ajudaram a construir, até mesmo repensando a importância destes na própria Capoeira, sem desmerecer ninguém. Objetivamente, procura descobrir e analisar possíveis interconexões entre a Capoeira e a Negritude, além de entender como isso pode colaborar para a construção de um discurso de combate ao racismo e de apreciação crítica das possibilidades de construção da democracia racial. O Mestre Touro, por exemplo, acredita que, através da Capoeira, seja perfeitamente possível a abertura de um diálogo, de tentativa de concretização de políticas públicas que possam garantir os direitos das pessoas pretas.

Para a pesquisa mais ampla, em nível de mestrado, também entrevistei o Contramestre Baú, Leonardo Ferreira Santana, irmão do Contramestre Boquinha, que afirma ser preto, que seu avô paterno vem de uma comunidade quilombola próxima de Amarante, PI, conhecida como Mimbó<sup>14</sup>.

No meu caso, minha família não teve uma educação formal suficiente para conscientizar sobre racismo. Na fase escolar, nas décadas de 1970 e 1980, não havia uma preocupação ou política social que desse contribuição nesse sentido. Foi com o grupo de Capoeira que passei a ter conhecimento e identificação com as lutas sociais, não somente com o racismo.

Portanto, se constituir como pessoa preta nos processos de interação ecológica e simbólica no urbano teresinense, trata-se de algo muito delicado que a Capoeira de alguma forma favorece essa inserção, fortalecendo moral e emocionalmente essas pessoas, como conta o Contramestre Baú. De acordo com ele, foi graças a Capoeira e às pessoas que ele conheceu junto à mesma durante as práticas sociais que conseguiu se inserir e ascender educacionalmente. Conseguiu também aprovações em concursos públicos e pôde, de alguma maneira, firmar-se enquanto cidadão. Já Boquinha, por sua vez, defende que a Capoeira tem a sua origem no Povo Preto, marcadamente nos seus fundamentos e rituais, algo que segundo ele se encontra na musicalidade, nos movimentos de expressão corporal. Enfatiza que "tudo nela liga a Negritude". Enfim, ao se incluir na problemática da pesquisa como etnógrafo e antropólogo em formação, o capoeirista preto Edilson afirma orgulhosamente que tem origem na "favela e/ou periferia urbana de Teresina", como negro na diáspora, que passa a falar sobre si próprio, se fotografando, se representando e dialogando com múltiplas representações já constituídas, que, contraditoriamente provoca curtos-circuitos políticos, estéticos e morais, movimentando, assim, novas formatações de existências, de apresentações e representações.

---

<sup>14</sup> O Quilombo Mimbó, em Amarante-PI, foi certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares. Resolução de Tombamento: Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: [...] § 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. Fonte: Constituição Federal de 1988.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo discutiu a constituição identitária do capoeirista preto no contexto urbano atual da cidade de Teresina – PI. Para tanto, primeiramente problematizou as noções de *self* e de *identidade étnico-racial*, vinculando-as ao exercício da capoeira como movimento de formação moral-emotiva da pessoa nos códigos e tradições da negritude brasileira. Em um segundo momento, a discussão girou em torno do contexto atual do urbano teresinense para nesse lugar pensar o capoeirista preto como personagem e sujeito em interação ecológica e simbólico-interacional com a cidade.

Ato contínuo, o artigo discorreu sobre a trajetória de formação da pessoa de dois capoeiristas pretos em exercício dessa poética e política identitária étnico-racial. Recorte de uma pesquisa antropológica ainda em curso, estas breves notas etnográficas e reflexões antropológicas lograram relacionar aspectos complexos do self urbano, - marcado por memórias, questões político-identitárias e religiosas, - de pessoas pretas praticantes da Capoeira Angola, da Capoeira Regional e da *Capoeiragem* no atual contexto urbano de Teresina-PI.

Ao ousar elaborar através da Capoeira uma reflexão sobre a Negritude como reversão do discurso racista brasileiro, mobiliza uma angústia ancestral que remete à experiência de trauma coletiva gerado pelo tráfico transatlântico de pessoas pretas para a construção forçada do Brasil. Nesse sentido, reconhece a cidade preta no urbano teresinense, bem como o self do capoeirista preto, como resultados na dimensão do urbano e do humano desse jogo que é o fazer Capoeira: resistir em terra estranha, fazendo dela um eco da Africanidade, da Negritude e do rosto negro.

## REFERÊNCIAS

- Barbosa, R. B. (2019). *Emoções, Lugares e Memória: Um estudo sobre as apropriações morais da Chacina do Rangel*. Mossoró: Edições UERN.
- DaMatta, R. (1997). *Notas sobre o racismo à brasileira*. In: Jessé de Souza (Org.), *Multiculturalismo e racismo. Uma comparação Brasil-Estados Unidos*. Brasília: Editora Paralelo, p. 69-76.
- Frigerio, A. (1989). Capoeira de arte negra a esporte branco. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 4, n. 10, p. 1-20.
- Goffman, E. (2011). *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes.
- Gonzalez, L.; Hasenbalg, C. (2022). *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Editora Zahar – Companhia das Letras.
- Gonzalez, L. (2018). A categoria político-cultural da amefricanidade. In: Lélia Gonzalez, *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa... Diáspora africana*. Editora Filhos da África.

Munanga, K. (2009). *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. Rio de Janeiro: Editora Global.

Schwarzc, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Sodré, M. A. C. (1988). *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Petrópolis: Vozes.

Sodré, M. A. C. (2017). *Pensar Nagô*. Rio de Janeiro: Vozes.

Velho, G. (1986). *Subjetividade e sociedade: Uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Velho, G. (2013). *Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Expresso Zahar.

### **Cronologia do Processo Editorial**

*Editorial Process Chronology*

Recebido em: 25/02/2023

Aprovado em: 04/04/2023

Received in: February 25, 2023

Approved in: April 04, 2023